



EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

M. SC.

w.

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

B. LOPES

~~~~~

PIZZICATOS

1886

B. LOPES



PIZZICATOS

(COMEDIA ELEGANTE)

VERSOS



RIO DE JANEIRO
TYP. CARIOCA.—RUA THEOPHILO OTTONI 145
ESCRITORIO DO JORNAL DO AGRICULTOR

—
1886

AO

MESTRE E AMIGO

A. J. TEIXEIRA LOPES

O DISCIPULO

I

Viscondessa

não posso

Ir hoje áquelle ponto

Beijar-te a extrema dos dedinhos finos,

As petalas gracís, as roseas unhas

De tua mão esquerda...

Calcula tu que perda

E vê, senhora, o caiporismo nosso !

Quando tínhamos prompto,

Em *duos* columbinos,

Um idyllio ao luar, sem testemunhas,

Cortaram-nos as vasas.

Porem o amor tem azas

E vóa longe, oh ! minha loira Martha,

Anjo de olhos azues e bocca breve.

A paixão que nos leve
Como plumas—ao alto da montanha.

Nos veremos a farta
Domingo á noite—saberás aonde.
Com certeza o visconde,
Por ser de noite, lá não te acompanha
E ficará, rheumatico, na cama.

Toma a tua carruagem,
Dando as precisas instrucções ao pagem,
E vem ao Polytheama.

Podes trazer o Armando,
O teu lindo morgado, esse fedelho
De seis annos, galante,
Que é todo loiro, mas de um loiro brando,
E que por ser teu filho é o teu espelho,
Abysmo santo que de ti me aparta.

Esse meigo tratante
É o teu anjo da guarda,
De bonet e de farda.

Traz em teus labios, Martha,
Consolações e balsamos—precisos
Ao teu moderno e pallido Abellardo,
N'um dos teus bons sorrisos,
E de mistura—o nardo
De um beijo doce e apaixonada prece.

Entre perfumes de kananga e malva,
Fofos e plissés candidos de renda,
Surja o teu rosto como a estrella d'Alva,
Que, entre cirrus nevados
E albores perfumados,
Como lagrima enorme transparece.

E não te esqueças, pallida sereia,
De uma camelia, que á lapela eu prenda,

E nickeis para a ceia !

II

Eu tinha recebido
Na mesma tarde—um dia de mormaço—
O bilhete amoroso e perfumado ;
Recebi-o dobrado
D'esse feitio classico de abraço...

Beijei, abrindo, tonto e commovido,
O adoravel pedaço
De papel verde, especial e raro,
De ramagens por fóra
E um lindo escudo nobiliario dentro,
Com a corôa de barão no centro.
Emfim, um papel caro,
Roubado á pasta do marido, embora !

Esperiei impaciente todo o dia.
Cahiu a noite e saio :

—Levava em mim a levida alegria
De duas azas pelo azul de maio !

Approximei-me logo do edificio...
«E' D. Juan Tenorio?» disse, rindo,
A tentação, olhando-me travessa.

«Como o senhor é lindo
De chapéo desabado na cabeça!...
Eu vou pagar-lhe tanto sacrificio.»
E murmurou aos meus ouvidos «entre,

Mas devagar, sentido!»
—Fui a bico de pés pela mão d'ella,
Cauto, larapio, pipilando a falla.

Vi, ao passar na sala,
De bocca aberta ao ar de uma janella,
O burguez do marido

Resomnando, ao divan, de mãos no ventre.

III

Era um dia de março, um dia quente !

Àtravez de florestas,

De povoações e campos de fazendas,

Rodava o trem vertiginosamente.

Era uma tarde d'estas

Que enlanguecem os pobres viajantes

Em fadigas horrendas.

Uma senhora de ares elegantes

Circumvagava o seu olhar de artista

Educado em viagens.

Sobre os pontos distantes

Vaporisavam-se, a perder de vista,

N'uma verdura tenra de pastagens,

As situações amenas,

Com duas cabras no quintal apenas,
E coqueiros em roda ;
E um grande e velho *engenho*
Cuja pluma de fumo vaporoso
Era o traço gamenho
D'essa paysagem toda !

Aqui e alli—o gado preguiçoso,
De olhar tranquillo e ventas dilatadas,
Pacato ruminava
Ao abrigo das arvores copadas,
Pelas campinas em que o sol vibrava !.

E no pendor da serra,
Onde alinhavam-se as figuras pretas
Da escravatura capinando a terra,
Coruscava, tinindo,
—Como um metal de rutilas facetas.—
Ao sol das duas—o aço das enxadas !

E alem, alem, no claro das estradas,
Iam dois sulcos no atoleiro abrindo
Os carros de lavoura !

Eu, absorvido e pasmo,
Pensava então na viajante loura,
Quando a vejo sentar-se, balbuciando
Uma phrase qualquer de enthusiasmo.

E fomos palestrando
Sobre aquella belleza de paysagem...

Depois, pediu-me um livro, qualquer cousa
Para matar o tedio da viagem :

Um romance ou uns versos
Em que o espirito quieto de uma esposa
Não corresse perigo.

—E tinha os olhos n'um clarão immersos !

Eu murmurei commigo :
E' uma aristocrata e illustre dama.



E dei-lhe então os madrigaes queixosos
De um poeta de fama,
Que era o prodigio lyrico da rima.

Os olhos da senhora
E os seus dedos mimosos
—Uns especimens roseos de obra-prima—
Em pressões delicadas,
Iam correndo agora
Do bello livro as folhas adoradas

De pernas para cima !

IV

Appareceu com a chuva,
Ha de sahir com o sol
Esta minha paixão pela viuva,
Que, tornando-me triste noite e dia,
Me prende e me agonia,
Como um peixinho a rabear no anzol.

Quero cantar agora,
Quero me rir, depois
Que vi na egreja o teu perfil, senhora ;
Mas não posso cantâr; e rir não posso !
E reso um padre-nosso
Ao teu esposo morto ha um anno ou dois.

Já de tristezas farto,
Abro a minha janella e o sol doirado

Entrou-me pelo quarto
Às seis, do dia...

e vejo a viuvinha
Em outra alcova, bem defronte á minha,
A torcer os bigodes de um soldado.

V

Regorgitava a sala de visitas ;
—Sociedade escolhida,
Uma assembléa alegre e divertida
De bachareis casquilhos
É mulheres bonitas,
Com maridos burguezes, mas sem filhos.

Toda uma nuvem de perfume e renda !

N'um dos jogos de prenda
Promovidos, unanime, na sala
De uma feição de gala
E illuminada *a giorno*,
Com folhagens e flôres por adorno,
Eu sustentei o olhar daquella dama,
Atravez das lunetas

Accommodadas entre um nariz grego
E sobranceiras pretas.
Como o insecto no meio de uma trama,
Sob o poder daquelle olhar em chamma
Eu não tinha socego.

Suspenderam o jogo
Para servir-se o chá.
A dama, logo
Que viu-se livre, ergueu-se resoluta,
Em toda a esplendorosa
Graça de sua artistica figura !
—Tinha o soberbo aspecto
De uma rainha medieval e astuta
E a macia frescura
De uma orvalhada rosa.
Dirigindo-se a mim, com muito affecto,
Pedi-me o braço e fomos á janella :

Estava a noite quieta,
Estrellada e sem lua.

Desenrolei a magica linguagem,
A linguagem singela

Do amor, mas do amor vago de poeta,
Como um beijo invizível que fluctua...

Ella ouviu-me extasiada
E a fronte morna nos meus hombros poz,
Offegante, mimosa, enamorada.

Chamaram-nos, porém, no mesmo instante

Ao chá—o nosso algoz,
Que nos tirava de um colloquio amante.

Dei-lhe o braço e levei-a
A' extensa mesa de convivas cheia...

Uma rizada colossal, de ataque
Nos recebeu.

E' que eu levava o fraque

Cheio de pó de arroz!

VI

Este episodio comico registro
No interrompido diario
Da minha vida de celibatario.

Eu frequentava clandestinamente
A casa de um ministro
Feio, rico, senil, quinquagenario ;
Um magro titular de qualquer cousa,
Que tinha por esposa
Uma senhora, moça e intelligente.



O caso deu-se em Julho,
N'uma manhã de rosas !
O céu brunido pelo sol magnifico
E atravessado de azas
De andorinhões e garças vagarosas,

Que divagavam, baixas, sobre as casas ;
 E vinham, n'um mergulho,
Lavar as alvas pennas no mar verde,
 Espelhado e pacifico,
 Que no vago se perde.
Andava errante um columbino arrulho !

Esta sadia nesga de marinha
 Nós viamos do quarto
Pela larga janella envidraçada ;
 Ella ainda alquebrada,
Tronco em meu braço, fronte unida á minha,
Eu—satisfeito como um lobo farto,
 E com o olhar lambendo-a ;
 Buscando, amortecidos.
Os seus languidos olhos de chineza,
 Talhados em amendoa.

Um typo da rarissima belleza
 Dos velhos tempos idos !

 Passava n'esse instante,
Cortando o mar e o tédio da paysagem,

Um velleiro escalér de panno ao vento.

Na rapida passagem
Era uma pluma lepida; volante !

Chegara-me aos ouvidos,
Como vago lamento,
Uma canção nostalgica de bordo,
—Toda a tristeza amarga do marujo...

Apurando os sentidos
Em mil receios tragicos acórdo.

Sinto barulho e de seus braços fujo :

Subia o conselheiro
A escadaria gothica do predio...
E pallido, e ligeiro,
Puz-me na sala, de chapéo na dextra ;
Não havia remedio !

Entrou o esposo, tremulo, na sala.

Deu commigo e parou sem dar palestra ;
Interrogou-me apenas
Com o olhar penetrante...

Ella, vindo do quarto, petulante
Ao conselheiro falla,
Com voz melliflua e de feições serenas,
N'um rasgo audaz de consummada artista :

Este moço... é o dentista !

VII

O teu amor, criança,
Enche-me os dias da existencia honesta
De uma luz tenue sempiterna e mansa,
Com preludios de festa.

Como céo estrellado est'alma adornas!
Mas teu olhar — um vandalo,
Um bandido de capa,
Com os *agudos punhaes* de folhas mornas
E ciumento escandalo,
A's vezes salta e fere-me, a socapa ...
Mas n'um sorriso entornas
Sobre a ferida o balsamo do sandalo !

Não me crimines, filha,
(Eu não sei pelo idioma,

Como a flôr pelo aroma,
Se de Constantinopla ou de Sevilha)
— Ha de chegar o desejado instante
D'essa ventura lubrica e suprema,
A lauda palpitante
Do emocional e lyrico poema !

Eu sou prudente e austero :
Para o nosso consorcio,
Pomba arribada ! unicamente espero ...

Uma lei de divorcio.

VIII

E apaixonado eu disse-lhe — fuja-mos,
Ave adorada ! Enlaça-te em meu braço,
Braço de amante, protector e forte.

Vamos fugindo ; vamos
Assim. á lei da sorte
Como dois alvos pombos pelo espaço ...

E desciamos a escada do terraço.

— Olha o mar... não escondas
Amedrontado o teu olhar, oh ! casta !
Vê esta noite limpida e tranquillã
E a lua sobre as ondas,
Como um globo de lampada que oscilla,
Sob o manto de luz que o céu arrasta,
Todo, todo estrellado ! ...

Ai ! sobre o dorso d'este leão farpeado
De agulhetas de estrellas
E fréchas brancas do luar que escorre,
Ha de vogar um barco
De segredantes vellas
E dentro d'elle — nós ; e emquanto, flôr,
O rumo ousado em teus olhares marco,
Como um cysne que morre,
Ao cadencioso rythmo das aguas
Vou desferindo uma canção de amor !

Rompendo a nevoa turbida das maguas,
Pelo brilhante mar da fantasia
Vão a minh'alma e a tua
N'um dos raios da lua,
Como duas phalenas transparentes.

Longe estaremos ao romper do dia,
Como uns noivos contentes.

Além d'aquella praia
Circular e alvacenta,
Onde o luar mais languido desmaia,

Cheios de muito amor, muito carinho,
Vamos fazer o ninho,
Oh! pomba, oh! alva pomba pennugenta!

Páras?! Não pares.

Firma-te em meu braço,
Este braço amoroso, honesto e forte,
Se te vence o cansaço.
Vamos longe, mais longe, fiôr do norte,
Ver crescer este amor, doce e garrido,
Como um passaro em plena primavera.

Se uma cabana — um ninho apeteçido —
Toda enfeitada de jasmíns e de héra,
Onde a ventura existe,
Como uma flôr aberta nos espera,
Porque queres voltar? ...
(N'este momento o mar gemeu mais triste)

«Ha quartos de alugar ...»

IX

Nós íamos ao banho
Juntos e alegres, ao romper do dia.

Eu não era um estranho
Que te levasse occulta á alguma parte ;
Muito ao contrario d'isso,
Tua familia sempre me dizia
Que, se eu podesse a praia acompanhar-te,
Prestava-lhe um serviço.

Mas de uma vez... ai ! que manhã aquella !
Revolvia-se o mar todo em ressaca,
E tu, pallida e bella,
Sahiste da barraca...
Estavas mesmo de fazer cobiça !

Vinhas toda vestida de flanela,
A cabelleira dentro de uma touca
 E os pés—nos sapatinhos
De linho crú e sola de cortiça.
 Nos olhos—mil carinhos,
 E um sorriso na bocca.

Esquecia-me, flôr ; manda a justiça
Que registre-se o *chic* de teus braços
 Nús, roliços e brancos,
Como de jaspe dois recurvos traços,
 Desenhando-te os flancos.

Tive um palpite e me vesti de meia ;
 —Estava a maré cheia !

Dei-te o braço e descemos : eu sem susto,
 E tu—a muito custo,
 Com receios ainda.

Ai ! que demonio ! estavas mesmo linda !

Entrei, entraste, e mergulhámos juntos...

—Todos, na praia, todos, assustados

Cuidavam que sáhissemos defuntos,

E sáhimos córados !!

X

Tinha findado o baile
Na sala nobre, esplendida e brilhante ...

A formosa condessa
Morena, esbelta, accomodando o chaile
Sobre os bandós da fulgida cabeça,
Com um ar petulante
Disse, comprimentando-me — appareça ...

A um aceno^o orgulhoso
Approximou-se o pagem,
Descobrando-se humilde e respeitoso,
E apresentou-lhe a capa de sahida ;
— Houve um *frú-frú* de seda comprimida,
E partiu a carruagem !

Deixou no parque um rastro de perfume
E na minh'alma — o lume
De uma paixão enorme e incalculavel.

Logo ao dia seguinte
Puz no labio o sorriso mais amavel
E apresentei-me em casa da fidalga,
Que as cumiãdas do respeito galga :
— A sala era um requinte
De arte e luxo ; de aroma e luz repleta.

« Bem vindo o meu poeta »
Disse ella rindo ; e me buscando á porta,
Conduziu-me á *ottomana* e conversámos,
Com critica e pilheria,
Sobre o baile da véspera.

« Mas vamos
Ao que mais nos importa »
Disse, de subito, a fidalga séria.

Suppuz que fosse me fallar de cousa
Sentimental e a esmo ;

Dos sagrados deveres de uma esposa,
Litteratura mesmo,
E não de assumptos em que a gente peque.

Eu palpitava, e palpitava o leque
De labores de prata
Na nervosa mãosinha aristocrata
Da elegante senhora.

Dentro abafava de calor ; e fóra,
Pelo quadrado espaço das janellas,
Distante — a gente via
Pedacinhos alegres de paysagem
Illuminados pela luz do dia ...
Soprava as bambinellas
Uma travessa e momentanea aragem !

Havia em toda a casa
Certa calma narcotica e propicia,
Uma errante caricia.

Os meus sonhos de amor abriam aza !

Houve um momento de silencio, como

Aquelles de romance ...

Um afflictivo lance !

Rompi com elle ! e, delicado, tomo

As mãosinhas rosadas da condessa ...

N'este instante ligeiro

Tive um baile de sonhos na cabeça !

Ella os labios abriu, como se fosse

Dar-me esperança, uma palavra doce ...

Mas fallou-me em dinheiro !

XI

Era a doce alegria
De minha vida : enchia-me a saleta
De garrulice e deliciosos trillos,
Desde a alvorada até findar o dia.

Viviamos tranquillos,
Eu—um pobre poeta,
Elle—um tenor, um belga superfino,
Loiro, mais muito loiro,
Como um filhinho trefego de inglezes,
Olhos inquietos e pescoço fino.

•
Nós tínhamos, ás vezes,
Duos de flauta—original orchestra !
Em vez da refeição e da palestra.

E ouviam-se risadas
Que pareciam moedinhas d'ouro

obre mesas de marmore atiradas,
Quando o sol de janeiro
Entrava, rindo, pela casa dentro,
E vinha-nos o cheiro
Dos proximos hoteis, da salsa e o coentro
Das hortas, cheias de repolho e sélga.

Ai ! com tristeza o digo :
Morreu cantando o meu canario bélga !
Envolve-o a sombra do feral mysterio.

Minha saudade roxa, vem commigo
Ao triste cemiterio
Do meu quintal, onde enterrei aquelle
Que foi na vida o meu melhor amigo,
E para aonde agora a dor me impelle...

Tenho os olhos de lagrimas pesados !
No dia de finados,
Canarios que passaes—orae por elle !

XII

Encontrei séria e fria,
Com evidentes laivos
De ciumenta raiva no semblante,
O meu pailido amor, n'aquelle dia.

Deu-me na bocca o beijo costumado
E ordenou-me: sentai-vos,
Meu bandoleiro amante.

Obedeci, sentando-me ao seu lado
Sobre um divan de *reps* côr de zinco,
Com ramagens vistosas.

Do poente acceso em purpuras e rosas,
Vinha um raio fugaz do soldas cinco,
Um doirado filête,

Pela janella aberta
Que illuminava o roseo gabinete.

Cortava largamente
Saudosa nota a vastidão deserta!
E pelo ether tranquillo das alturas,
Como nodoas escuras,
Iam buscando abrigo
Bandos de corvos sacudindo as azas.

Por detraz de um antigo,
Meio arruinado templo,
— A cathedral de torres elevadas —
O sol morria no horizonte em brazas!

Emquanto isto contemplava,
Iam correndo as horas socegadas.

Ella a custo fingia
Estar immersa em dolorosas scismas.
A sacudir a perna,

Fixava muito o triste olhar no lustre
Que, no crystal dos prismas,
Todo o fogo do occaso reflectia.

Havia um quer que fosse,
Uma agonia interna
N'alma doente d'essa moça illustre,
Que não teve p'ra mim, n'aquelle dia,
A gotta leve de uma phrase doce.

Olhando-me de chófre,
A suspirar me disse
Uma atrevida, rapida tolice,
Que eu guardei na memoria
Como quem guarda perolàs n um cofre :

«Sabeis a minha historia,
Meu feiticeiro vate;
Que os episodios d'ella inda estão frescos.
Trahiram-me esses modos romanescos
E aquelles versos lindos...
Mas nem por vós o coração me bate!

Quero dizer com isto :
—Os amores são findos!»

Eu nunca tinha visto
Cousa igual em mulheres. Era a sphynge!
Levantei-me colerico e soberbo
Como o leão que se tinge
No proprio sangue, e enfebreci o verbo.

Tive rancores tragicos de Othello
A principio; depois,
Engalfinhando os dedos no cabelo,
Um pensamento rapido e cobarde
Atravessou-me a ideia...
Houve uma longa pausa entre nós dois.

De uma tristeza cheia
óra, no azul, esmaecia a tarde.

Ajoelhei-me a seus pés, pallido, tonto
Completamente, ao ponto
De lhe beijar as fimbrias do vestido...

Pedindo amor, pedindo amor e graça,
Ea balbuciei, vencido :
—Oh, minha pomba, amaina
Com a ponta d'aza esta fatal desgraça !
Ao meu affecto doido abre a tu alma,
Que é um ninho de paina...

Ella encarou-me magestosa e calma;
E a minha voz vazava
Um filtro de saudade !
Lucia tranquilla, estatica, me olhava.

E eu lhe fallei da minha mocidade,
Dos meus vinte annos, cheios de calor,
Sem um pingo de neve
Que cahisse de leve
No viçoso vergel do meu amor.

« Primavera pretensa ! »
Disse ella, emfim, n'um theatral arranco.
E a rir-se muito, a rir-se doidamente,

Pedindo-me licença,
N'um gesto audaz, impetuoso e franco,
Com a mãosinha insolente

Arrancou-me da barba um fio branco!



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).